

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS**

ELAINE NOVAK

**DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES AO
TRABALHAR EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS**

**MEDIANEIRA
2013**

ELAINE NOVAK

**DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES AO
TRABALHAR EDUCAÇÃO SEXUAL COM ADOLESCENTES**

Monografia apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de Especialista na
Especialização em Ensino de Ciências, da
Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação, da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dra. Maurici Luzia C. Del
Monego

MEDIANEIRA

2013



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Medianeira
Diretoria de pesquisa e pós graduação
Adelmo Lowe Pletsch
Ensino de ciências



TERMO DE APROVAÇÃO

Dificuldades Enfrentadas pelos Professores ao Trabalhar Educação Sexual com
Adolescentes

por

ELAINE NOVAK

Esta monografia foi apresentada em 02 de março de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em ensino de ciências. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Dra. Maurici Luzia C. Del Monego
Prof.(a) Orientador(a)

Msc. Lenisse Isabel Buss
Membro titular

Dr. Adelmo Lowe Pletsch
Membro titular

Msc. Marcia Antonia Bartolomeu Agustini
Membro titular

Dedico este trabalho à minha família e aos
amigos que me apoiaram durante a jornada
de trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Maurici Luzia Charnevski Del Monego, pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória.

Aos tutores Macarius e Andressa pela paciência e esclarecimento das atividades

A Secretaria do Curso, pela cooperação.

A família Ghellere pelo apoio e estadia.

À minha família e meu namorado Wagner, pois foram a fonte de toda dedicação e inspiração aos estudos.

À escola estadual Jorge Nacli, onde foi realizada a pesquisa.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

NOVAK, ELAINE. **Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual com adolescentes.** 2013, 38 paginas. Monografia de especialização em ensino de ciências - Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Medianeira, 2013.

A sexualidade tem seu início com o nascimento, e perpassa o todo dos indivíduos, sendo assim, se desenvolve durante toda a vida, tornando-se mais visível na puberdade, onde ganha uma conotação acentuada na sexualidade genital. Ela é fundamental não apenas à reprodução, como também para o bem estar do ser humano, devendo, por isso, estar relacionada a outros aspectos, como sentimentos, afeto, prazer, namoro, casamento, filhos e projetos de vida. O conhecimento do corpo e de seu funcionamento propicia uma maior conscientização da importância da saúde e da necessidade de ações curativas e principalmente preventivas. Nossos jovens estão tendo acesso a informações a respeito da sexualidade, estão iniciando sua vida sexual cada vez mais cedo e sem maturidade e conhecimento para tal. Apesar de alguns julgarem que a discussão sobre sexualidade está se tornando uma coisa normal, muitos jovens ainda sentem vergonha e medo de discutir esse assunto tanto na família como na escola. O objetivo deste trabalho foi analisar, através da pesquisa exploratória, quais as dificuldades que os professores de ciências enfrentam ao discutir a sexualidade com adolescentes, bem como expressar a opinião dos alunos perante a liberdade de falar sobre sexualidade. Muitos pais possuem a concepção que falar sobre sexo nas salas de aula ainda hoje é considerado um estímulo à atividade sexual. Entretanto, a inclusão da educação sexual nas escolas contribui para postergar a iniciação sexual e não há evidências de que o ensino estimule os adolescentes a terem relações sexuais.

Palavras-chave: Ensino, Adolescente, Sexualidade

ABSTRACT

NOVAK, ELAINE. **Difficulties faced by teachers when working with sex education teens.** 2013, 38 pages. Monograph of specialization in science education - Federal Technological University of Paraná -. Medianeira. 2013

Sexuality has its beginning with the birth, and pervades the whole of individuals, so it develops throughout life, becoming more visible at puberty, which gains a strong connotation in genital sexuality. She is not only fundamental to reproduction, but also for the welfare of the human being and should therefore be related to other aspects such as feelings, affection, pleasure, dating, marriage, children and knowledge of projects life. The knowledge body and its functioning provides a greater awareness of the importance of health and the need for curative and preventive mainly. Our young people are having access to information about sexuality, are starting their sexual life at an early age and without maturity and knowledge to do so. Although some deem that the discussion about sexuality is becoming a regular thing, many young people still feel ashamed and afraid to discuss it in the family and at school. The objective of this study was to analyze, through exploratory research, what difficulties science teachers face when discussing sexuality with adolescents as well as expressing the views of students towards the freedom to talk about the design sexuality. Many parents have to say about sex in the classroom is still considered a stimulus to sexual activity. However, the inclusion of sex education in schools contributes to delaying sexual initiation and there is no evidence that teaching encourages teen to have sex.

Keywords: Teaching, Teenager, Sexuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura1: Resultado do questionamento referente a iniciativa do projeto realizado.....	29
Figura 2: Disponibilidade da internet aos alunos em suas casas.....	30
Figura 3: Questionamento feito aos alunos sobre a liberdade em falar sobre os assuntos ligados à sexualidade.....	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 MARCO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL BRASILEIRA	13
2.2 PRINCÍPIOS PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA	16
3.3. O QUE É EDUCAÇÃO SEXUAL	18
2.4 PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL	20
2.5 ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs)	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
3.1 LOCAL DA PESQUISA	24
3.2 TIPO DE PESQUISA	24
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	24
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	25
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
4.1 O PAPEL DA ESCOLA E DOS PROFESSORES NA SEXUALIDADE	27
4.2 AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES	28
4.3 A VISÃO DOS ALUNOS AO PROJETO DE SEXUALIDADE NA ESCOLA	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
6. REFERÊNCIAS	34
APÊNCIDE A	37
APÊNDICE B	38

1 INTRODUÇÃO

A crença na objetividade, na neutralidade e na universalidade do saber científico que marcou a história no século XX está na base de nossas práticas educativas em saúde, usualmente voltada para a prescrição de comportamentos tecnicamente justificados como únicas escolhas possíveis para o alcance do bem estar de todos os indivíduos, independentemente de sua história de vida. (BRASIL, 2006)

Até hoje, pensamos que a ideia de que a “falta de saúde” é um problema que pode ser solucionado a partir de informações adequadas e da vontade pessoal. Estamos buscando dinâmicas para estimular a participação em atividades e programas cujos objetivos estão voltados para o ensino de comportamentos pré definidos como saudáveis. Diversos estudos sobre o impacto de programas de educação sexual voltados para adolescentes vem mostrando que as estratégias de prevenção inspiradas nessa ideia não retardam a iniciação sexual, não aumentam o uso de métodos contraceptivos entre homens ou mulheres jovens, nem reduzem a gravidez na adolescência (DICENSO E GRIFFITH, 2002 apud BRASIL, 2006).

A sexualidade tem seu início com o nascimento, e perpassa o todo dos indivíduos, sendo assim, se desenvolve durante toda a vida, tornando-se mais visível na puberdade, onde ganha uma conotação acentuada na sexualidade genital. O conhecimento do corpo e de seu funcionamento propicia uma maior conscientização da importância da saúde e da necessidade de ações curativas e principalmente preventivas.

Nossos jovens estão tendo acesso a informações a respeito da sexualidade, estão iniciando sua vida sexual cada vez mais cedo e sem maturidade e conhecimento para tal. A imposição de certos padrões de beleza vinculada pela mídia, acrescido de músicas que induzem ao sexo, famílias sem a devida estrutura, o abandono dos filhos em troca de aventuras, entidades que pregam o que deveria ser correto segundo os planos de Deus, mas que na verdade alguns de seus pilares estão corroídos, como é o caso do abuso sexual dentro de certas famílias e a pedofilia alarmante. São fatores que propiciam essa iniciação tão precoce e despreparada ao sexo. É muito triste e doloroso quando percebemos que muitos de

nossos jovens deixaram de confiar na família e igrejas a que pertence. A consciência está latente dentro de cada ser humano, cabe a nós adultos ajudar o jovem a construir sua opinião, para que o mesmo possa analisar todas as informações recebidas em seu dia a dia. Não é escondendo o lixo social debaixo do tapete que vamos dar segurança aos jovens, mas falando do assunto com naturalidade e mostrando as opções de escolha.

O tema sexualidade é pleno de significados na vida de todos nós. Na vida dos adolescentes, sobretudo, o tema ganha grande dimensão. A orientação sexual é recomendada pelo MEC, na abordagem de diversidade e gênero. Tal tema não tem apenas um caráter informativo, como sugerem os PCNs, mas, sobretudo um efeito de intervenção no interior do espaço escolar. Concebido como uma função transversal que atravessa fronteiras disciplinares, ele se dissemina por todo campo pedagógico e funciona de forma a expandir seus efeitos em domínios dos mais heterogêneos. Os PCNs orientam para que a escola, através de práticas pedagógicas diversas venha a construir e mediar a relação do sujeito consigo mesmo, de modo a fazer com que o indivíduo tome a si mesmo como objeto de cuidados. E através da colocação do sexo em discurso, parece haver um complexo aumento do controle sobre os indivíduos, o qual se exerce não tanto através de proibições e punições, mas através de mecanismos, metodologias e práticas que visam a produzir sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade (BRASIL, 2006).

De maneiras diversas, meninos e meninas também exercem formas de controle uns sobre os outros, bem como escapam e resistem a este poder. O dispositivo da sexualidade perpassa espaços escolares, instaura regras e normas, estabelece mudanças no modo pelo qual os indivíduos dão sentido e valor a sua conduta, desejos, prazeres, sentimentos e sonhos.

Após levantamento de toda problemática existente dentro da escola e na sociedade, muitas vezes, é o professor de ciências quem desencadeia discussões em torno desse tema, em função da natureza de sua disciplina e da proximidade do tema com os conteúdos de Biologia, dentro do conhecimento científico. A abordagem do tema envolve aspectos biológicos, sociais e culturais. Neste contexto, aproveitar histórias de vida permite ao educador conhecer o conjunto de idéias que os estudantes trazem do convívio social e possibilita o desencadeamento de

discussões sobre os diferentes valores culturais, comportamentais e éticos relativos ao corpo.

A escola desenvolveu um projeto de sexualidade que procurou mostrar a importância do papel da educação, em especial, o de contribuir na formação do educando. O objetivo deste projeto foi alertar para a necessidade real e imediata do acesso à informações e formação dos adolescentes. Bem como, enfatizar que não somente os professores de ciências são responsáveis por este trabalho, mas todo conjunto de educadores que compõe o corpo docente da instituição. Torna-se necessário abordar assuntos pertinentes a gênero, transformações ocorridas na puberdade, gravidez indesejada, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, e, finalmente como a educação pode ajudar no desenvolvimento da sexualidade. Ninguém pode ignorar a problemática vivenciada, fugindo de sua responsabilidade de contribuir para que crianças e jovens possam conhecer e entender sua sexualidade em todos os aspectos e fases de seu desenvolvimento, exercendo desta forma seu papel na sociedade com prazer e responsabilidade.

A escola onde foi realizado esse trabalho desenvolve projetos sobre a sexualidade humana e vai continuar desenvolvendo, pois observou-se que há necessidade de ações curativas e principalmente preventivas. O adolescente tem sede do saber. Busca incessantemente o conhecimento, mas os adultos, muitas vezes, preconceituosos colocam entraves forçando a busca por informações duvidosas e não confiáveis.

Embasado nas premissas acima discutidas, este trabalho buscou relatar as dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual, bem como expressar a opinião dos alunos perante a liberdade de falar sobre sexualidade.

O objetivo deste trabalho foi analisar, através da pesquisa exploratória, quais as dificuldades que os professores de ciências enfrentam ao discutir a sexualidade com adolescentes, bem como expressar a opinião dos alunos perante a liberdade de falar sobre sexualidade.

Embora tenha existido problemas, principalmente pertinente a falta de dialogo e da convivência dos pais à realidade de seus filhos, o que acarretou na discussão entre professores – pais – escola, chegamos ao consenso que a melhor maneira de formar cidadãos conscientes é no âmbito escolar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MARCO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL BRASILEIRA

Para se falar sobre educação sexual, acredita-se ser necessário saber todos os seus percalços e rumos que já foram tomados, talvez a linha mais adequada a seguir na face da história da educação sexual seja o início pela educação sexual informal, aquela que foi apresentada pelos familiares e cultura no Brasil Colônia (SAYÃO, 1997).

Embora a educação sexual tenha sido motivo de debate por muitas décadas, sua implantação tem sido questionada desde há muito tempo. No Brasil para sermos mais exatos a educação sexual informal vem ocorrendo desde os tempos do Brasil colônia (RIBEIRO, 2004).

Para Ribeiro (2004), três momentos são considerados importantes na história da educação sexual, o primeiro deles ocorre quando o sexo se tornou pluriétnico e libidinoso para os homens, quando as mulheres eram reprimidas e submissas, e a Igreja tomava conta da repressão e condenação. O segundo momento ocorreu um pouco mais adiante, quando além do papel das índias serem divididos com as negras no sexo pluriétnico, o poder da Igreja nos discursos foi substituído pelos discursos médicos, e a sexualidade então passou a ser tratada como caso de higiene e saúde. Só então a mortalidade infantil foi tida como problema e começou a haver preocupação. Os médicos passaram a se preocupar com as crianças, com a educação no âmbito familiar e escolar. No terceiro momento vivenciado no Brasil ocorre algo semelhante e de muita preocupação para educadores do nosso país e da França, nos meados do século XVIII, surgindo a repressão das manifestações de crianças (SAYÃO, 1997).

A atitude repressiva vista no Brasil anterior à década de 1920 combatia qualquer tipo de atitude sexual fora dos padrões morais da sociedade da época. Porém nesta década, a educação sexual foi reivindicada com o intuito de favorecer também a maternidade e a infância. Na sequência de tempo, houve apoio à educação sexual em alguns meios de estudo, e podem ser citados estados como Rio de Janeiro e Minas Gerais que vincularam a educação sexual em algumas de suas escolas e colégios (SAYÃO, 1997).

Nos primeiros anos da década de 1960, antes da ditadura militar, o Brasil vivenciou um clima de renovação pedagógica e foi justamente nesse período que o tema da educação sexual retornou para discurso pedagógico. Entretanto, todas as experiências de educação sexual foram reprimidas e suprimidas pela ditadura militar. Naquele período, o interesse crescente pela educação sexual entre os educadores brasileiros levou a deputada federal Júlia Steimbruck, em 1968, a apresentar um projeto de lei propondo a introdução da educação sexual obrigatória nas escolas primárias e secundárias do país (CEZAR, 2009). No Brasil neste período o debate da proibição para com a educação sexual nas escolas era grande. Podemos dizer que na década de 60 houve experiências isoladas no Brasil, em diferentes estados e escolas (SAYÃO, 1997).

Ribeiro (2004), coloca que há uma ausência no que se refere à história da educação sexual no início do século XX. Um dos autores que mais se destaca é um médico chamado José de Albuquerque, que além de tentar levar a educação sexual para a escola também quis divulgar o conhecimento para toda a população toda, conseguindo mostrar que havia um espaço para se falar sobre educação sexual na época. A consideração de Albuquerque pela escola é que trata-se de um espaço para se educar sexualmente as crianças e adolescentes; vê a educação sexual como essencial para o desenvolvimento sadio dos indivíduos, e que quando os professores ensinam história natural das Ciências não entram em detalhes imorais.

Werebe (1970), comenta, em seu artigo *Implantação da Educação Sexual no Brasil* em meados da década de 70, que os avanços da educação na época, eram na verdade mínimos e quando realizados não eram divulgados.

Por consequência, nos meados da década de 70 houve certo recuo da educação sexual. Entende-se que a religião conseguiu mais uma vez contornar o desejo de esclarecimento de alguns. Contudo alguns dedicados educadores apesar da coação causada não abandonaram seu intuito para com a educação sexual, que por um tempo foi revogada à clandestinidade.

Em uma enquete feita por Werebe (1977), em meados da década de 70, obteve a certeza de que a educação sexual não havia sido deixada de lado, esclarece ainda que alguns educadores além de estarem divulgando tal conhecimento, estavam adaptando novas formas de ensinar. Neste mesmo período dos anos 70 a 80 o governo lança algumas medidas, mesmo não sendo as mais adequadas, mas que auxiliaram de alguma maneira. Já em 74 houve a implantação

de uma lei sobre o ensino da conservação da saúde dos jovens, e, em 77 foi iniciada a distribuição de pílulas anticoncepcionais no Brasil, apesar da resistência.

Werebe (1977), em seu artigo, relata que sobre a educação sexual:

[...] há sempre o perigo de se desenvolver esta prática educativa em função de objetivos restritos, no contexto de programas de limitação da natalidade [...] parece-nos que há ainda, no país, condições propícias à implantação efetiva de uma educação sexual que contribua para o desenvolvimento harmonioso e integral da personalidade da criança e do adolescente. Os obstáculos institucionais a uma tal implantação são inúmeros e dificultam em conseqüência a preparação adequada – e indispensável – dos educadores que deverão encarregar-se do trabalho dessa área [...] (WEBERE, 1977, p.27).

Neste período, a repressão do ensino de educação sexual estava no seu auge, apesar dos avanços em relação às pílulas anticoncepcionais, regride-se novamente quando se fecham ginásios vocacionais e experimentais que estavam em pleno funcionamento. O país passou a ter uma imagem moralista, puritanista e embasada no medo e repressão (SAYÃO, 1997).

Embora, seja justificado tal medo por parte daqueles que queriam mudanças, pois os escritos moralistas da época tinham muito de inadequado no que concebia a educação sexual e os seus orientadores, esta fala pode ser comprovada com o seguinte trecho:

[...] os que vivem desta vergonhosa exploração não hesitam em transformar o mundo em um gigantesco lupanar, onde se enriquecem às custas da degradação geral. O focinho do macaco torna-se o focinho do porco, em vez de transformar-se em rosto humano, e estes guardiões de pocilgas, bem endomingados em suas vestes respeitáveis de banqueiros ou de comerciantes, vendem a humanidade. (CHARBONNEAU, 1979, p.5)

Contudo, o reinado da moralidade puritanista não poderia durar para sempre, então no final da década de 70, houve algumas iniciativas por parte do município de São Paulo para implantar a educação sexual nas escolas, e a partir de então se iniciam eventos que falam da temática. A educação sexual perdeu seu ar de clandestinidade e passou a atuar às claras, desencadeou-se de tal maneira a educação sexual que a oferta de livros, manuais, programas de rádio, jornais falando sobre toda esta manifestação fez com que aumentasse o debate para ocorrer a implantação da educação sexual nas escolas (SAYÃO, 1997).

Apesar do enredo das discussões, seu desenrolar foi ainda longo, e só então em 1989 houve a implantação da educação sexual nas escolas, com a formação

prévia dos educadores ocorrendo anteriormente à realização da educação sexual. Esta primeira experiência ocorreu em São Paulo o que motivou outros estados a fazerem o mesmo pela educação, bem como a criar instituições que viessem ao encontro da necessidade da educação sexual (SAYÃO, 1997)

Após este desenrolar da história, O MEC (Ministério de Educação e Cultura), tomou a frente e coordenou a elaboração dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), nos quais foi inserida a educação sexual como tema transversal (SAYÃO, 1997).

A tão vetada educação sexual foi por diversas vezes interrompida, mas como o ser humano vive a sexualidade ela não foi deixada de lado, apenas recuou e aguardou a sua vez de ser usada de forma educativa e benéfica. Com o passar dos anos, a educação veio ganhando espaço e “cara nova”, seus objetivos foram sendo ampliados à medida que se vê necessário muda-se, fala mais e esclarece mais (CASTRO, 2009).

Tal citação voltada à educação sexual de hoje pode ser corroborada por Montanardo (2008).

Sabe-se que cada época cria a sua verdade, deslegitima as demais e com certa frequência as inclui na infração ou na anormalidade. Cada geração elabora um processo que envolve a assimilação e a análise dos conhecimentos, costumes e valores já estabelecidos e, ao mesmo tempo, desenvolve ferramentas que lhe permitem mudar, transgredir e construir novas regras, atitudes e práticas, alterando as fronteiras comportamentais. Nesse constante evoluir, embora os adolescentes estabeleçam comportamentos baseados em regras e conceitos previamente definidos pelo meio cultural no qual estão inseridos, estes não serão iguais entre gerações diferentes e as rupturas tornam-se inevitáveis [...] (MONTANARDO, 2008, p.24).

Sabe-se que as evoluções e descobertas relacionadas à educação sexual são constantes. A cada dia, os adolescentes estão buscando informações confiáveis referentes a sexualidade. Com isso, tornar-se-ão adolescentes mais saudáveis e conscientes (CASTRO, 2009).

2.2 PRINCÍPIOS PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Furlani (2009), em seu trabalho apresentado à Secretaria de Estado da Educação do Paraná, relata os princípios para uma educação sexual na escola

buscando perturbar certezas e apontando para trabalho pedagógico que articula o papel da educação e do currículo escolar, os quais são apresentados a seguir.

A educação sexual deve começar na infância e, portanto, fazer parte do currículo escolar – as temáticas discutidas na educação sexual são conhecimentos imprescindíveis à formação integral da criança e do jovem. O sexo, o gênero, a sexualidade, a raça, a etnia, a classe social, a origem, a nacionalidade, a religião, por exemplo, são identidades culturais que constituem os sujeitos e determinam sua interação social desde os primeiros momentos de sua existência. A sexualidade se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Esperar para abordar a sexualidade, apenas na adolescência, reflete uma visão pedagógica limitada, baseada na crença de que a “iniciação sexual” só é possível a partir da capacidade reprodutiva (BRAGA, 2002).

As manifestações da sexualidade não se justificam, apenas, pelo objetivo da “reprodução”. Na medida em que descobertas sexuais – afetivas ocorrem, aumentamos nossa capacidade de socialização e interação interpessoal (CASTRO, 2009).

Não deve existir qualquer segregação de gênero nos conhecimentos apresentados a meninos e meninas, portanto, a prática pedagógica deve acontecer sempre em co-educação – é através da socialização do conhecimento que a escola pode ser democrática. A convivência mútua e o compartilhamento de superarem as desigualdades de gênero e respeitarem-se mutuamente colocada em xeque os pressupostos que legitimam o sexismo, o machismo e a misoginia (FULANI, 2009)

A linguagem plural, usada na educação sexual, deve contemplar tanto o conhecimento científico, quanto o conhecimento popular – a escola deve considerar igualmente válidos, os saberes populares, e os saberes sistematizados pela humanidade ao longo da história (BRAGA, 2002).

A educação sexual pode discutir valores como respeito, solidariedade, tolerância, e assim, questionar preconceitos. Essa educação pode ser vista como uma forma da escola contribuir para a diminuição das desigualdades sociais. Resgatar valores humanos e considerar a diferença como positiva é contribuir para uma sociedade onde sejam, efetivamente, mais felizes (CASTRO, 2009).

3.3. O QUE É EDUCAÇÃO SEXUAL

Para Webere (1977), a educação sexual:

[...] num sentido mais amplo, compreende todas as ações, diretas ou indiretas, deliberadas ou não conscientes ou não, exercidas sobre o indivíduo ao longo de seu desenvolvimento, que lhe permite situar-se em relação à sexualidade em geral e à sua vida sexual[...] (WEREBE, 1977, p.11)

Como segunda definição e referência de educação sexual podemos citar Figueiró (1996), cita:

[...] como sendo toda ação ensino/aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja em nível de conhecimento de informações básicas, seja em nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimento, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual (FIGUEIRÓ, 1977, p. 38-39).

Vitiello (1997), definiu a educação sexual como sendo um meio para socializar o aluno, ou seja, para que este consiga se adequar à sociedade, e construir sua educação com as referências que lhes são fornecidas pela escola, família e outros, esta construção se dá através de novas ressignificações dos conhecimentos que lhes são apresentados dia a dia pela convivência e conhecimento do ambiente de que os jovens fazem parte, fazendo com que abandone conceitos antigos e muitas vezes adquire erroneamente.

Monish e Enegster (2007), relacionam de forma esclarecedora a educação sexual e a sexualidade, ao afirmam que:

[...] têm relação estreita entre as opções que os sujeitos fazem ou querem fazer, os ensinamentos que perpassam as gerações, o trabalho desenvolvido nas instituições de ensino e o contexto vivencial. A escolha livre cobra autonomia e conhecimento. A família é, na maioria das vezes, o primeiro referencial de sexualidade que o ser humano tem. O acolhimento, a alimentação, o aconchego é circundado pela educação sexual que ali se realiza, mesmo quando não se fala abertamente sobre o assunto. Isso ocorre dentro de cada estrutura familiar, através das falas, das proibições, dos cuidados, dos gestos ou das expressões. Os valores, tão difusos e confusos no contexto pós-moderno, apresentam-se como interferentes e até como determinantes na educação dos sujeitos [...], além disso, é necessário considerar a interferência do meio histórico social na formação dos sujeitos e dos meios de formação, escola, Igreja, meios de comunicação. (MONISH e ENEGSTER, 2007, p.5)

Os dois autores referem-se à educação sexual como dada no convívio social, inserida nas relações familiares, de amizade etc. Ela é construída com as informações dadas por estes contatos, e será por meio destes que terá a

significação ou resignificação. Somente através deste convívio que será dada a construção da educação sexual e sexualidade do sujeito.

Além do convívio social e familiar a educação sexual depende da cultura a qual a criança e ou adolescente estão inseridos, sendo comprometida pelo processo cultural, onde cada indivíduo “acultura-se” através das expressões, atitudes, gestos e falas do local onde vive e está inserido. Assim, a educação sexual se forma, também, pela comunicação verbal e não-verbal, observadas pelo adolescente (BRAGA, 2002).

De acordo com Braga (2002), a educação sexual é:

[...] vista como uma parte do processo educativo pelo qual uma pessoa passa, deve estar voltada para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade. Cada etapa da vida de uma pessoa acontece com determinados objetivos. Também a educação sexual é pautada em diversos objetivos, pois afinal quem educa o faz com uma determinada finalidade [...] (BRAGA, 2002, p 74).

Montanardo (2008), sintetizou a resposta de diferentes estudiosos de diferentes épocas a cerca da definição de educação sexual e a determinou:

[...] sendo sempre necessária, porque o adolescente precisa ter acesso às informações adequadas e de alguém que lhe mostre o caminho, que lhe diga como agir, o que fazer e o que evitar, caso contrário ele será incompetente sexualmente talvez não seja feliz, não fará outro (a) feliz, além de estar correndo graves riscos quanto a sua integridade física. Inserindo nesta linha de pensamento está o conceito do acesso à informação repassada pelos adultos como condição indispensável para que os jovens tenham aptidão para tomarem decisões com responsabilidade. Ainda nesta mesma linha de argumentação, eles precisariam, portanto, de um passaporte, um salvo-conduto que lhes permita, futuramente, ingressar no mundo da sexualidade adulta, mundo no qual, finalmente, seus integrantes estariam em condições privilegiadas de controlar os instintos, tomar decisões, desviar-se das situações de risco e estar consolidado na prática da virtude [...] (MONTANARDO, 2008, p.38).

Castro e Silva (2002), definiram a educação sexual como sendo um processo de intervenção sistemático e contínuo, realizado na escola com o envolvimento de toda a comunidade escolar, assegurando ao aluno espaços necessários para receber uma informação clara e precisa, através de conceitos que o levam à construção do pensamento, à reflexão de valores.

2.4 PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL

Há aqueles que acreditam na escola como meio de injustiça, tal fato é comprovado pelo trecho a seguir: “a escola apresenta muita dificuldade no trato da orientação sexual e gênero, mostrando-se muitas vezes perdida e insegura diante das cenas que não estão presentes em seus manuais” (GROSSI, 2005, p.53). Assim entende-se que a escola acaba por se transformar em um local de desigualdades e injustiças, pois professores não sabem lidar com os diferentes questionamentos feitos e nos leva à necessidade de uma melhor formação e preparação destes.

Castro e Silva (2002), definiram o espaço escolar como um âmbito enriquecedor para se trabalhar o tema sexualidade, tendo o professor como um elemento importante na transmissão do conteúdo.

Destas definições podemos abstrair que tanto professor quanto espaço escolar são primordiais para o aprendizado do aluno sobre sexualidade, que também a escola propicia várias maneiras de se alcançar o debate sobre sexualidade (CASTRO, 2009).

A escola é o palco de grande aprendizagem sobre a sexualidade, Sayão (1997) informa que, a escola também se constitui um importante agente do processo de aprendizagem, não é apenas nas portas de banheiros, muros e carteiras que se inscreve a sexualidade no espaço escolar.

Ribeiro (2004), afirma que a escola poderia se tornar um campo propício à orientação sexual, um lugar onde, além de receber informações mais completas, os alunos pudessem pensar, questionar, raciocinar e estabelecer juízo de valor.

Já sobre a função dos educadores, Braga (2002) cita que:

[...] os educadores têm uma importância fundamental na vida de uma criança. Eles são os mediadores da aprendizagem formal, mas também são modelos de identificação sexual dos seus alunos, pois assim como os pais, transmitem – verbal ou não-verbalmente – informações sobre a sexualidade. A escola, querendo ou não, interfere na construção da sexualidade de cada aluno. A sexualidade está presente também na escola, isso não se pode negar. (BRAGA, 2002, p. 82)

O ensinar sobre sexualidade não depende somente dos professores, mas também da equipe escolar como um todo. Todos os indivíduos que fazem parte da comissão escolar devem estar atuando juntos, devem estar preparados para

enfrentar e dialogar sobre qualquer assunto, e para isto é necessário que haja estudo anteriormente a estes episódios, que a escola tenha um momento de reflexão sobre sexualidade e um bom projeto sobre educação sexual (CASTRO, 2009).

Para Sayão (1997), os professores nem sempre estão aptos a mediar sobre a educação sexual. O assunto nunca é debatido, ao invés, somente se fala com os alunos sobre educação sexual quando surge com alguma dúvida “fora de hora”. Quando isso acontece, ou o professor responde desajeitadamente de acordo com sua experiência de vida sobre o assunto. O que pode ter um resultado desastroso para a educação daquele que está com dúvidas sobre o tema.

Em relação a educadores, Figueiró (2006) relata que:

[...] a atuação como educador sexual não é tão simples como possa parecer, e que não basta ter recebido uma “preparação” prévia – para alguns, não basta nem mesmo estar um grupo de “assessoria”, em que se pode contar com supervisão e apoio [...] quando o educador tenta dar início a uma prática, vários fatores dificultadores entram em jogo – ao que parece, a maioria deles de caráter emocional, mesmo quando a dificuldade parece ser apenas técnica, relacionada à escolha de estratégias de ensino [...] (FIGUEIRÓ, 2006, p.27-28).

No que se refere a formação de professores, muitos cursos de licenciatura não tem uma disciplina específica que ensine a ensinar educação sexual, na maioria das vezes o educador recorre a sua experiência pessoal para falar sobre sexualidade, e quando este apresenta uma sexualidade que na fase de afloramento foi reprimida, não consegue ajudar os seus educandos de forma benéfica e acaba por reprimi-los também (CASTRO, 2009).

Na proposta feita pelos documentos dos PCNs, há uma informação que infelizmente não combina com o que vem ocorrendo nos últimos anos, relacionado aos educadores:

É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual. [...] (BRASIL, 1998, p.303)

Isso é realmente preocupante, pois sabemos que a formação é de vital importância no ato de ensinar, especialmente um tema que tem gerado muita discussão e não há uma fórmula mágica de se ensinar sobre sexualidade. A formação deve ocorrer, cabe aos responsáveis propiciar que estes momentos ocorram, e também cabe ao professor responsável satisfazer necessidades dos alunos buscando formação própria e agregando conhecimentos no que se refere à educação sexual, para ir assim exercendo seu papel de formador de cidadãos responsáveis e protagonistas (BRASIL, 1998).

2.5 ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs)

Sabe-se que os PCNs são a base de uma proposta curricular implementada pela Secretaria de Educação Fundamental no MEC para atender a necessidade da educação básica que se encontra nas escolas. (BRASIL, 1998).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental de ciências aponta como objetivo geral, entre outros, a abordagem da temática Orientação Sexual dentro e entre todas as áreas disciplinares. Nesse sentido, os PCN se propõem a apresentar materiais de apoio viabilizando o desenvolvimento das práticas, estudos e reflexões por parte dos professores.

[...] toda atividade de sala de aula é única, acontece em tempo e espaço socialmente determinados; envolve professores e estudantes que têm particularidades quanto a necessidades, interesses e histórias de vida. Assim, os materiais de apoio ao currículo e ao professor cumprem seu papel quando são fonte de sugestões e ajudam os educadores a questionarem ou a certificarem suas práticas, contribuindo para tornar o conhecimento científico significativo para os estudantes (BRASIL, 1998).

Este trecho do PCN instiga a pensar o processo educativo sob dois aspectos diferentes: 1º) quanto a uma construção cultural e sócio histórica e 2º) contrapondo o primeiro, quanto uma prática demarcada pelos discursos cientificistas, que considera apenas os conhecimentos ditos científicos como válidos e verdadeiramente significativos (SILVA, RIBEIRO, S/D)

A ancoragem da sexualidade na biologia costuma ser mais resistente do que ocorre em relação ao gênero. A aceitação da existência de uma matriz biológica, de algum atributo ou impulso comum como se constituindo na origem

da sexualidade humana persiste em algumas teorias. Quando isso ocorre, opera-se com uma noção universal e trans-histórica da sexualidade e, muitas vezes, remete-se ao determinismo biológico. (LOURO, 2006, p.7).

Entretanto, diz Silva e Ribeiro (S/D), ao levantar essas pretende-se diminuir a importância dos conhecimentos científicos e tampouco negar sua significação para o desenvolvimento e construção do saber dos sujeitos enquanto alunos/as.

Nos PCN, é possível identificar a sexualidade sendo abordada imbricada a discursos normalizadores, atrelada a visão biologicista do corpo. Helena Altmann (2001), faz uma análise dos PCN, buscando identificar a concepção de sexualidade ali presente e aponta:

[...] a orientação sexual é entendida como sendo de caráter informativo, o que está vinculado à visão de sexualidade que perpassa o documento. A sexualidade é concebida como um dado da natureza, como “algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida”. Fala-se em “necessidade básica”, “em potencialidade erótica do corpo”, “em impulsos de desejo vividos no corpo”, sobre o que os sujeitos, principalmente os adolescentes, precisam ser informados [...] indicativos normalizadores da sexualidade. Ela é vista sob o ponto de vista biológico, atrelada às funções hormonais. Quanto à experimentação erótica, à curiosidade e ao desejo, estes são considerados comuns, quando a dois. A potencialidade erótica do corpo a partir da puberdade é concebida como centrada na região genital, enquanto que, à infância, só é admitido um caráter exploratório pré-genital. Os conteúdos devem favorecer a compreensão de que o ato sexual, bem como as carícias genitais, só têm pertinência quando manifestados entre jovens e adultos. (BRASIL, 2009).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede estadual de ensino localizada no município de Nova Aurora – PR. A escola trabalha com dez turmas no período matutino, onze no período vespertino, ambos com alunos de 6º a 9º ano, e duas turmas no período noturno, com turmas de 8º e 9º ano.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Para a realização desta investigação, utilizou-se a metodologia de grupo focal, considerada uma técnica de coleta de dados qualitativos que ocorre por meio de entrevistas grupais. O interessante desta metodologia é o fato dela buscar entender as necessidades dos entrevistados, dentro destas necessidades estão suas atitudes, preferências e sentimentos (IERVOLINO, PELICIONI, 2001). A característica marcante deste tipo de metodologia é que os membros do grupo terão a oportunidade de narrar e discutir suas visões e valores sobre o assunto (CASTRO, 2009).

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população envolvida para o desenvolvimento das atividades foi composta pelo quadro de professores de ciências da escola envolvida no projeto de sexualidade, onde as aulas de ciências são ministradas por cinco professores, distribuídos nas diversas turmas e períodos letivos.

Outra parte envolvida foram os alunos de uma das turmas de 8º ano do período matutino, onde, após o momento de discussão com os pais, foi aplicado um questionário indagando a opinião perante a liberdade de falar sobre sexualidade dentro da sala de aula, entre outras informações pertinentes ao assunto.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Durante o desenvolvimento das atividades, os dados da pesquisa foram coletados em dois momentos distintos. No primeiro momento, os professores de ciências das diferentes turmas e períodos se reuniram e discutiram diversas questões, tais como, o melhor ano letivo para iniciar a discussão sobre sexualidade, quais recursos didáticos são necessários para trabalhar sexualidade na sala de aula, quais as principais dificuldades que encontram ao trabalhar sexualidade. Todos esses assuntos discutidos foram posteriormente transcritos.

No segundo momento foi aplicado um questionário (apêndice A), analisados seguindo uma metodologia quantiqualitativa, aos alunos de uma turma de 8º ano, para verificar suas posições perante o problema ocorrido na escola durante a execução do projeto de sexualidade, suas opiniões perante a liberdade de falar sobre sexualidade dentro da sala de aula, bem como ao trabalho desenvolvido pela professora.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta investigação contou com a participação dos professores de ciências, dos alunos, e de forma indireta de toda a equipe pedagógica da escola. O objetivo inicial foi levantar quais as dúvidas e dificuldades em relação à educação sexual. Após esta investigação e ao saber das dificuldades destes seria possível elaborar materiais didáticos, principalmente plano de aula sobre sexualidade na tentativa de readequar o projeto de sexualidade desenvolvido na escola.

Os dados coletados através do grupo focal feito em uma reunião com os cinco professores da disciplina de ciências serviram para nortear todo o restante da pesquisa. A seguir apresenta-se os resultados da reunião executada com o grupo focal. Suas falas foram entrecortadas, sendo utilizada apenas as partes que aqui se fazem de importância, e ressaltando também que os nomes foram omitidos para que não haja quaisquer problemas que levem os professores a situações de embaraço.

No ano de 2010, um grupo de professores de ciências da escola, com autorização da coordenação, elaborou um projeto de educação sexual na escola, com o intuito de transmitir as informações contidas nos livros didáticos, porém voltando para as questões de saúde pública da sociedade. Os principais objetivos deste projeto foram auxiliar os adolescentes a identificar duas dificuldades, quebrar mitos e preconceitos sexuais e incentivar os estudantes a respeitar diferenças individuais e socioculturais.

Na elaboração de toda proposta pedagógica do projeto, os professores da disciplina de ciências montaram sua pasta de atividades. As atividades que foram trabalhadas seguiram o planejamento proposto pelo grupo, sendo acompanhada pelo sumário de atividades.

Foi proposto inicialmente, que os temas fossem tratados com enfoque mais técnico: o professor introduziu progressivamente, uma linguagem que envolva as questões sobre comportamento sexual. Uma discussão aberta sobre sexualidade também contribui para a aprendizagem e fez o adolescente lidar de forma natural com os aspectos do próprio corpo, para que possa evitar problemas como gravidez precoce, DSTs e comportamentos que ferem a dignidade pessoal e da família.

Essas discussões dos aspectos comportamentais e alguns científicos, introduzidas no início do projeto, serviram de diagnóstico para verificar o interesse, a dimensão do conhecimento do aluno e o acesso que eles possuíam para buscar tais informações.

O exercício do debate sobre sexualidade criou condições para a internalização das questões da vida sexual e suas responsabilidades.

Por ter sido trabalhado em sala de aula, a avaliação dos alunos foi realizada de forma diária, em todos os momentos das atividades, sendo considerada a contribuição individual nas discussões e demais atividades em grupo, assim como, o envolvimento dos alunos nas atividades solicitadas. No final do bimestre, cada aluno entregou ao professor regente sua pasta de atividades para ser analisada.

4.1 O PAPEL DA ESCOLA E DOS PROFESSORES NA SEXUALIDADE

A escola, enquanto instituição de ensino apresenta um importante papel na vida social do indivíduo, pois ela transmite informações (conhecimentos) necessárias a viver em sociedade.

Ao trabalhar com sexualidade, a escola deve invadir por completo essa “praia”, pois, as atitudes dos alunos no convívio escolar, o comportamento entre eles, as brincadeiras e paródias inventadas e repetidas, tudo isso transpira sexualidade e cabe a ela estimular a concepção dos adolescentes para o que é “certo” ou “errado”.

O papel do educador é orientar, criar momentos de reflexão, debate e estudos, que possam vir a auxiliar o educando em suas dúvidas, é desta maneira que o educador conseguirá formar indivíduos integrais.

Levando em conta tal relato pode-se dizer, então, que cabe ao professor o papel de buscar junto a seus alunos o que estes sabem sobre sexualidade. Depois de abstrair cabe ao professor responder de maneira simples e correta a dúvida que o aluno lhe apontou. Já a escola recebe o papel de campo para orientação, de espaço para discussões para tirada de dúvidas e principalmente para reflexões sobre dúvidas e anseios.

Ao final deste breve parecer sobre escola e professor, cabe aqui um fato que muitos desconhecem: “Trabalhar a sexualidade na escola não significa incentivar a

prática sexual, mas sim resgatar valores para a vida e desenvolver a auto-estima” (SILVA, 2007, p.22).

4.2 AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES

Um foco relevante deste trabalho é citar algumas situações vivenciadas pelos professores ao trabalhar sexualidade dentro de sala de aula.

Relato da professora A:

“Quando meus alunos falam sobre sexo quando não estamos discutindo no momento, sempre busco conversar e tentar sanar qualquer dúvida dentro da sala, para que algumas questões não saiam de dentro da escola”

Essa questão de poder ou não conversar quando ocorre oportunidade, Figueiró (1999), escreveu um livro intitulado “Educação sexual no dia a dia” que pode servir de referência para os aspectos comentados.

Entretanto, dentro de uma mesma escola, os professores possuem formas e visões diferentes ao assunto sexualidade. Segundo a professora B, *“ quando um aluno pergunta sobre sexo sempre fico intimidada em conversar”*.

Em conversa paralela com as professoras C e D, foi abstraído a seguinte colocação: *“Adoro trabalhar com adolescentes, nessa fase muitos deles acham que já sabem muita coisa sobre sexo, porém, quando começo a trabalhar com sexualidade é nítida a cara de curiosidade e vontade sanar suas dúvidas”... “gosto de trabalhar sexualidade de forma descontraída, com desenhos ilustrativos, jogos didáticos e debates, não gosto de ficar presa ao livro didático apenas”*.

Ao trabalhar sexualidade em sala de aula, as dificuldades enfrentadas pelos professores nem sempre são as mesmas, mas na maioria dos casos, as maiores dificuldade referem-se à falta de material didático, a conversa paralela, as quais acarretam em discussões com os demais alunos. Fora da sala de aula o problema que os professores enfrentam é a não aceitação dos pais com a temática, pois acreditam que ainda não esta na hora de seus filhos começarem a saber sobre sexualidade.

A não aceitação dois pais acarretou em uma agressão verbal e moral à uma das professora. Segundo um pai, *“sua filha não precisa aprender sobre sexo na escola, ela aprende com a vida, [], e não é na escola que ela precisa saber sobre*

sexo, para mim isso é falta de postura da professora”. Um outro ainda insultou a professora em questão afirmando-a como “*imoral []*”. Essa questão foi além dos muros da escola e se tornou um assunto de debate na cidade, o que fez a professora procurar a promotoria de justiça.

4.3 A VISÃO DOS ALUNOS AO PROJETO DE SEXUALIDADE NA ESCOLA

Diante dos problemas enfrentados por uma das professoras, foi elaborado um questionário aos alunos de uma das turmas de 8º ano (Apêndice b) no intuito de saber como foram as aulas sobre sexualidade, como eles adquirem informação fora da escola e a preferência em falar sobre sexualidade.

No projeto desenvolvido pela escola procurou-se mostrar a importância do papel da educação, em especial, contribuir na formação do educando. O objetivo deste trabalho foi alertar para a necessidade real e imediata do acesso a informações e formação. A Figura 1 apresenta o resultado quando foi indagado sobre a iniciativa do projeto de sexualidade nas aulas de ciências.

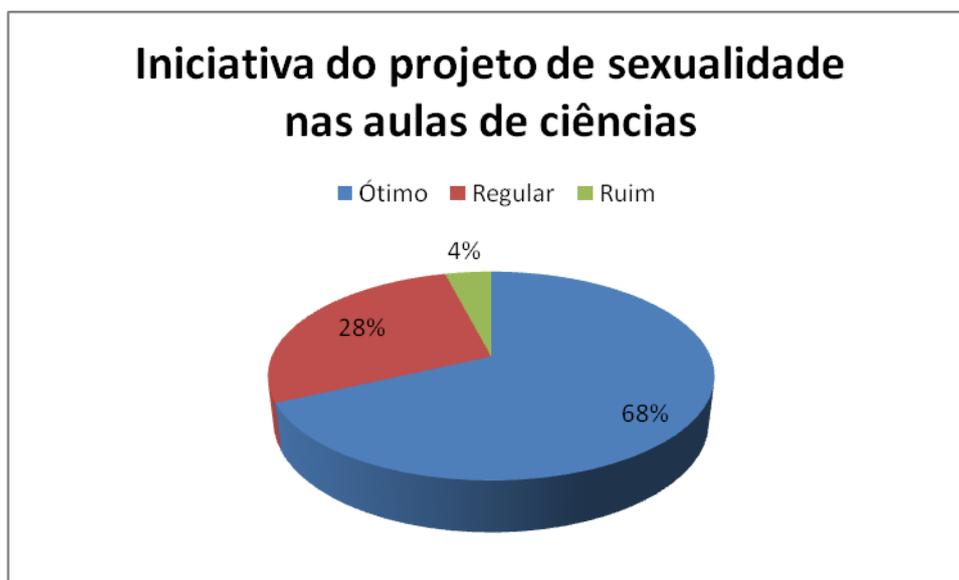


Figura 1:- Resultado questionamento referente a iniciativa do projeto realizado.

Após levantamento de toda problemática existente dentro da escola e na sociedade, o professor de ciências desencadeou discussões em torno desse tema, em todas as turmas de 8º ano. A abordagem do tema envolve aspectos biológicos,

sociais e culturais. A Figura 1 apresenta a importância da iniciativa da escola em implantar o projeto de sexualidade nas aulas de ciências, segundo a visão dos alunos, onde a maioria (68%) considerou ótima a implantação do projeto, pois, além da construção do conhecimento científico sobre o corpo humano possibilita o desencadeamento de discussões sobre os diferentes valores culturais, comportamentais e éticos relativos ao corpo.

Sendo um dos principais alvos para consumo, os adolescentes recebem diariamente informações através da mídia, muitos podem ser inadequadas para o processo de construção do conhecimento científico. A preocupação sobre as formas pelas quais os alunos buscam informações sobre o corpo e sexo, propiciou investigar sobre a acessibilidade de informações através da mídia. A Figura 2 apresenta um gráfico que responde sobre a disponibilidade à internet. O resultado apresentado refere-se ao número de alunos de uma turma de 8º ano que têm acesso em sua residência.

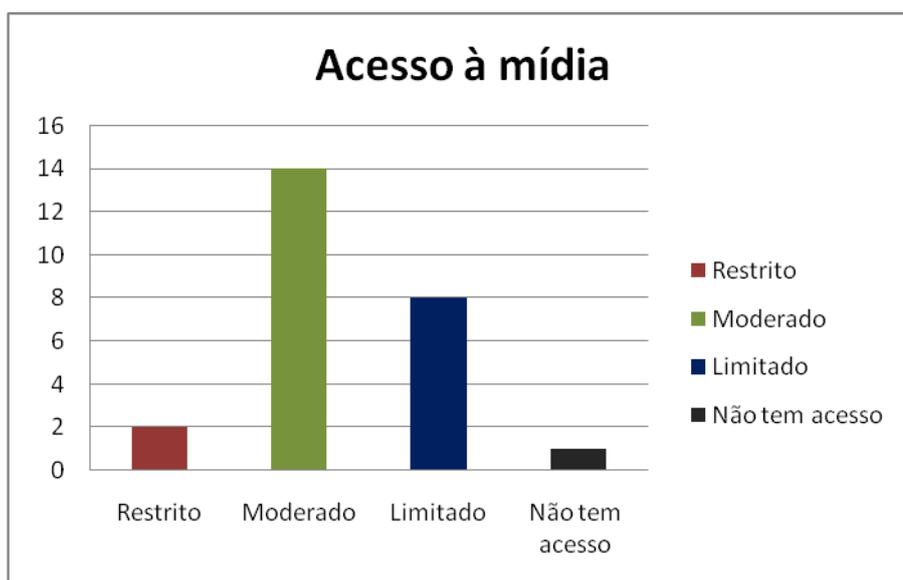


Figura 2: Disponibilidade da internet aos alunos em suas casas.

A Figura 2 apresenta o número de alunos que possuem acesso à vários meios de divulgação, principalmente a internet. Nele observamos que 56% dos alunos têm acesso moderado em suas residências.

A mídia diz respeito aos veículos responsáveis pela difusão das informações, tais como rádio, jornais, revistas, televisão, vídeo, internet. Segundo Setton, *et al* (2002), a mídia pode ser considerada como uma das instituições responsáveis pela educação no mundo moderno, trazendo tanto benefícios como malefícios,

respondendo pela transmissão de valores e padrões de conduta e socializando muitas gerações.

Conti, *et al* (2010), revelaram a ciência da relação entre a mídia e o corpo. Pais, educadores, pesquisadores e a sociedade civil devem atentar-se para a interferência da TV na formação do jovem.

Além das informações obtidas na mídia, muitos adolescentes quando interessados em algum assunto ligado à sexualidade buscam tais informações com seus amigos. Entretanto, essa também não é a melhor forma de adquirir um conhecimento, pois muitas vezes, essas informações não têm o caráter científico. Os amigos frequentemente são procurados, mas as conversas começam interessantes e posteriormente acabam na vulgarização, deixando sérias dúvidas sobre a validade do conteúdo e a seriedade do diálogo (MUZA, *et al.* 2002; MARTIZ, *et al.* 2006).

O adolescente geralmente não expõe suas dúvidas ou curiosidades sobre o assunto, prefere procurar outros meios para se informar, tais como, na internet, com redes sociais, os sites, TV, revistas, e grupos de amigos, sem a presença de seus familiares.

Quando indagados sobre a liberdade em falar de sexo com seus pais e professores, houve uma inversão de opiniões, e a Figura 3 apresenta o resultado desta indagação.



Figura 3: Questionamento feito aos alunos sobre a liberdade em falar sobre os assuntos ligados à sexualidade.

Conforme observado existe liberdade dos adolescentes em falar sobre a sexualidade, entretanto, a maioria dos alunos preferem tratar esse assunto com seus professores, no âmbito escolar, do que com seus pais. Muitos adolescentes afirmam que é mais difícil falar com seus pais sobre sexo, por medo, muitas vezes, da repressão.

Conforme Silva, *et al.* (2009), na sala de aula, as identidades dos participantes discursivos – alunos e professores – se constroem e são modificadas, sendo nesse espaço social que aprendem valores, noções diversas e se posicionam sobre questões centrais como o comportamento sexual. O papel e a participação dos professores é central para que os adolescentes reconstruam sua rede de relações, resgatem sua cidadania e transformem sua identidade.

Essa mesma autora ainda afirma que é importante a escola vem se reconhecendo como espaço socialmente legitimado para “encarar” o desafio de lidar com a sexualidade e que os professores, como uma figura-chave, influem na constituição identitária, no exercício das relações sociais e da cidadania tanto de si próprio como de seus alunos.

A professora Claudia Aratangy afirma que:

“cuidar da questão da sexualidade na escola é, antes de tudo, derrubar preconceitos e ajudar a criança a fazer perguntas. Para que ela possa conhecer melhor seu corpo, seus sentimentos e esclarecer suas fantasias”(MEC, revista TV escola, n°14, 1999).

A sexualidade deve ser trabalhada de maneira saudável, amorosa, carinhosa, sem correr riscos, de forma educativa e esclarecedora, tanto para o professor quanto para os alunos, que dia a dia devem buscar ultrapassar suas barreiras de dificuldades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de alguns julgarem que a discussão sobre sexualidade esta se tornando uma coisa normal, muitos jovens ainda sentem vergonha e medo de discutir esse assunto tanto na família como na escola.

A escola, como fonte de informação através de profissionais preocupados, e formadora, pois através dela se forma cidadãos críticos e cuidadores de seu próprio corpo e interesses sem prejudicar os dos outros. Ela ainda leva aos adolescentes a entender e discutir os questionamentos e reflexões sobre sexualidade, sexo e prevenção para o amadurecimento e desenvolvimento de atitudes responsáveis.

Com o desenvolvimento dessa pesquisa, observou-se que as principais dificuldades que os professores enfrentam ao trabalhar com educação sexual nas escolas estão relacionados à falta de material didático adequado, a interrelação entre pais – alunos – escola e a falta de informação de alguns professores.

Entre as principais estratégias metodológicas que minimizem tais dificuldades estão a elaboração de material didático pela equipe de professores, a abertura e elaboração de ciclo de palestras temáticas em educação sexual para pais e alunos e a criação de grupos de estudos que envolva vários professores na discussão da educação sexual nas escolas.

6. REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação Sexual nos parâmetros curriculares nacionais. In: **Revista Estudos Feministas**, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2001000200014&script=sci_arttext&lng=ptpt. Acesso em: 08/09/2012

BRAGA, E.R.M. **Sexualidade Infantil**: Uma investigação acerca da Concepção das Educadoras de uma Creche Universitária sobre Educação Sexual. Assis – SP. UNESP – Universidade Estadual Paulista/Campus Assis, Mestrado (Dissertação), 2002.

BRASIL, Ministério da Saude. Secretaria de vigilância em Saude. **Saude e Prevenção nas escolas: Guia para a formação de profissionais de saude e de educação**. Brasília: ministério da saude;2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e Quarto ciclos. Ciências Naturais**, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf> acesso em: 01/09/2012

CASTRO, F.F.; **Dúvidas e dificuldades de educadores sociais de um centro social de Maringá**. Monografia apresentada ao Departamento de Fundamentos da Educação como requisito para obtenção do título de Especialista da Universidade Estadual de Maringá. Maringá/Pr. 2009.

CEZAR, M.R.A.; **Lugar de sexo é na escola? Sexo, sexualidade e educação sexual**. In: Sexualidade/ Secretaria de estado da Educação. Superintendência de educação. Departamento de diversidade. Núcleo de gênero e diversidade sexual. – Curitiba:SEED-PR ., 2009

CHARBONNEAU. PE. **Educação sexual: seus fundamentos e seus processos**. São Paulo: Epu; 1979.

CONTI, M.A.; BERTOLIN, M.N.T.; PERES, S.V. **A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer?** Ciência & Saúde Coletiva, 15(4):2095-2103, 2010.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Londrina: Eduel, 2006.

_____. **A produção teórica no Brasil sobre educação sexual.** Cad. Pesquisa. São Paulo, n. 98, p. 50-63, 1996.

_____. **Educação sexual no dia a dia.** 1º coletânea. Londrina: o autor, 1999.

FURLANI, J.; **Encarar o desafio da educação sexual na escola.** In: Sexualidade/ Secretaria de estado da Educação. Superintendência de educação. Departamento de diversidade. Núcleo de gênero e diversidade sexual. – Curitiba:SEED-PR., 2009.

GROSSI, M, P.(org); **Movimentos sociais, educação e sexualidades.** Rio de Janeiro: Garamond. 2005.

IERVOLINO, SA; PELICIONI, MCF. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde.** Rev Esc Enf USP, v. 35, n.2, p.115-21, jun, 2001.

LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTINS LBM, COSTA-PAIVA L, D'OSIS MJ, SOUSA MH, PINTO NETO AM, TADINI V. **Conhecimentos sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes.** Rev Saúde Pública. 2006;40(1):57-64.

MONICH, A. A. ENGSTER, W. E. Educação, Sexualidade e o Panta Rei. De Heráclito. **Revista Linhas**, Florianópolis, v.8, n.1. jan/jun. 2007.

MONTANARDO, J. A escola e a educação sexual. **La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v. 13, n. 1, p. 161-173, jan-jun 2008.

MEC. Ministério da Educação. Entrevista: **Sexo de um jeito especial.** Revista TV escola, nº14,(p.26) março/abril, 1999.

MUZA GM, COSTA MP. **Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes. O olhar dos adolescentes.** Cad Saúde Pública. 2002;18(1)321-8.

RIBEIRO, P. R. M. Os Momentos Históricos da Educação Sexual no Brasil. In: _____. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias.** 1ª ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2004., p.15 a 25

_____, REIS, V, G. José de Albuquerque e a Educação Sexual nas Décadas de 1920-1950: Um estudo Bibliográfico. **Revista História da Educação**, nº. 2.

_____,. **Educação Sexual além da Informação**. São Paulo: EPU, 1990.

_____, (org) **Sexualidade e Educação**: aproximações necessárias, São Paulo: Art&Ciência, 2004.

ROMERO, K.C.T.; MEDEIROS, E.H.G.R.; VITALE, M.S.S.; WEHBA, J. **o conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo**. Rev Assoc Med Bras 2007; 53(1): 14-9

SAYÃO, Y. **Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários**. In AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus. 1997.p.107 – 118.

SILVA. CASTRO. R . **Orientação Sexual , Possibilidade de Mudança na Escola**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 125 p.

SILVA, B.RIBEIRO, P.R.C.; **Sexualidade no ensino de ciências: a revista Capricho enquanto um artefato cultural na sala de aula**
<http://www.foco.fae.ufmg.br/viienpec/index.php/enpec/viienpec/paper/viewFile/1230/36>
Acesso em: 08/09/2012

Setton MGJ. **Família escola e mídia: um campo com novas configurações**. *Educação e Pesquisa* 2002; 28(1):107-116.

WEREBE, M. J. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

WEREBE, M. J. A implantação da educação sexual no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas, n.26, p.21/27, 1977

VAINFAS, R. **História e Sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro : Graal, 1986. P.67-87.

VITIELLO, N. **Sexualidade – quem educa o educador**. São Paulo: Iglu. 1997.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS

01 – Para você enquanto educador, qual o ano letivo que você julga melhor para iniciar a discussão sobre sexualidade? Por que?

02 – Que tipo de recursos didáticos você julga necessários para trabalhar sexualidade na escola?

03 – Quais as principais dificuldades os professores de ciências enfrentam ao trabalhar sexualidade com adolescentes?

APÊNDICE B

QUESTIONARIO DESTINADOS A ALUNOS DE 8º ANO

01 – O que você acha das iniciativas das aulas de educação sexual nas aulas de ciências?

ótimo regular ruim

02 – Você procura em sites informações sobre sexualidade?

sim Não

03 – Em sua casa o acesso a internet é:

restrito moderado liberado não tem acesso

04 – Você tem acesso a revistas e livros com conteúdos explicativos sobre sexualidade e sexo?

sim não

05 – Você tem acesso a assuntos de relacionamento em redes sociais (orkut, MSN, twitter e outros)?

sim não

06 – Você conversa sobre sexo com seus amigos e colegas?

sim não

07 – Você gostaria de ser um cidadão bem informado em relação à orientação sexual?

sim não

08 – Você se sente à vontade para conversar sobre sexo com seus pais?

sim não

09 – Você prefere que o tema sexualidade seja ensinado:

na escola em casa ambos os locais

10 – Você se sente à vontade para conversar sobre sexo com seu (a) professor (a)?

sim não

11 – Você é uma pessoa feliz?

sim Não